

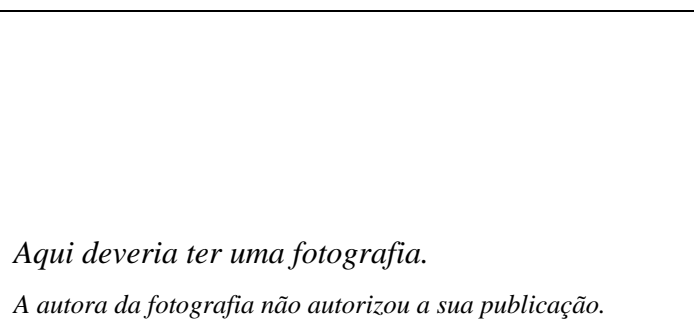
EXPERIÊNCIA, EDUCAÇÃO E IMAGEM: UMA BREVE CONVERSA

Giovana Scareli¹

Este texto ensaia um diálogo imaginário com o professor Jorge Larrosa, a partir de um texto seu, publicado no Brasil em 2002, que tem como principal conceito o de “experiência” relacionando-o a algumas fotografias produzidas por mim e uma outra, a mim apresentada, porém sem que fosse me dado o direito de publicá-la.

Nas dobras do (im)possível, ver/sentir/experienciar fotografias, buscando diálogos para um fazer educação mais sensível.

Primeiro Momento – experiência e fotografia



A fotografia que apresento de modo descritivo, possui uma bela composição entre corpos e cenário. Em linhas horizontais aparecem um banco de madeira, um pedaço de chão de terra batida, o rio Amazonas ao fundo, e a linha do horizonte dividindo o rio mostra um pedacinho da mata e o céu com muitas nuvens bem suaves, semelhante a uma aquarela. No banco de madeira, em primeiro plano, duas meninas estão sentadas, formando linhas verticais que dão equilíbrio à fotografia. Alguns galhos com folhas verdes, emolduram a cena, nos dois cantos superiores.

Os corpos estão em destaque. Uma das meninas é índia, morena, com o corpo desenhado em carvão, pés descalços e sujos de terra, veste uma saia rústica, feita de de palha em tons de bege e tenta abrir uma caixa de suco de soja ao mesmo tempo em que segura um canudo. A outra menina é branca, de cabelos ruivos, usa shorts azul marinho de poás brancas, camiseta branca e colar rosa, calça sandália plástica clara e bebe seu suco de caixinha com o canudinho, deixando a mostra suas unhas pintadas de rosa quase no mesmo tom do colar.

Tomo esse imagem para pensar. O que ele me/nos provoca? O encontro de duas culturas? O choque entre culturas? Talvez poderíamos percorrer um caminho longo falando desse encontro cultural. No entanto, duas culturas, de repente, tomam suco de soja de caixinha na beira do Rio Amazonas. Proponho como exercício, pensar com as imagens, assim como nos diz Wunder (2006),

Exercício de pensar o fora e o dentro da imagem, escorregar por profundidades imaginárias. A fotografia como passagem, uma janela em que os acontecimentos passam, atravessam vidas. Memórias, conteúdos de vida, de existências, impregnados na imagem, que se deixam perdurar nas *superfícies*. Como entrar neste mundo que as imagens nos proporcionam? Mundo de

¹ Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, Minas Gerais, Brasil. E-mail: gscareli@yahoo.com.br.

outros sentidos, não apenas de expressão de sentidos dados, já estabelecidos, o expresso é o sentido... *o acontecimento* (WUNDER ET ALL, 2006).

Neste exercício de olhar, nesse pensar o dentro e fora da imagem, escorregando por suas fendas, trazendo memórias, sentidos, significados, objetivo trazer possibilidades de pensamentos outros que não obedeça “à necessidade representacional do questionamento “o que isso quer dizer?”, “qual o significado daquilo?”, mas possibilitar escorregões e deslizos pelas potências da contemplação e produção de sentidos na própria imagem” (SCARELI; ANDRADE, 2008, p. 52).

Para além dessa pequena ironia, da presença da caixinha longa vida, do suco artificial, da sandália de plástico, aliás, quanto plástico! – canudo, sandália, colar, esmalte – que experiência podemos ter com essa imagem? Que educações? Educação visual, ambiental, cultural e tantas outras que nossas percepções consigam ativar afectos.

Imagino-me conversando com Jorge Larrosa, em um texto que foi publicado a partir de uma fala desse autor, em 2001, intitulado “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”. Ao falar de experiência, ventilada muito bem neste texto por Larrosa, inicio nossa conversa trazendo uma definição de experiência proposta pelo autor:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24).

Não posso dizer acerca da experiência do encontro das duas meninas da fotografia. Não sei o que sentiram, como foram tocadas por esse acontecimento. Sei dizer do meu encontro com essa imagem, das minhas afecções, do que senti. Ao deslizar pela fotografia, deixar as sensações me tomarem e depois encontrar o texto de Larrosa e encontrar algo dizível da sensação experimentada. Concordo com Larrosa quando ele diz que a velocidade impede a experiência, visto que esta precisa de tempo, de lentidão e fico feliz de escrever este ensaio, pois precisei arrumar um tempo, para me permitir ler, estudar, ver mais devagar, caso contrario, talvez essa imagem não passasse de um instante e depois fosse guardada, arquivada para, quem sabe, um dia ser vista novamente, da mesma forma como fazemos com tantas outras que nos tocam, mas passam com a velocidade das coisas que se avolumam no nosso dia. Mas, também poderia escrever algo no momento, o que poderia não passar de opiniões, o que também, segundo Larrosa, impede o saber da experiência.

Essa fotografia me tocou de alguma forma. Talvez porque tenha chegado até mim dias após minha visita a Manaus/AM em 2011, por conta do Encontro de Pesquisadores Norte Nordeste – EPENN e, como quase todos os turistas, fiz um passeio pelo rio Negro até o encontro com o rio Solimões, de onde se forma o rio Amazonas. Neste passeio, também passamos por uma comunidade flutuante, tiramos fotografias do que consideramos “diferente”, “exótico” paramos em uma das casas para tirar mais fotografias com uma cobra sucuri e um bicho preguiça. O passeio seguiu até uma lagoa com vitórias régias, um almoço maravilhoso cujo prato principal era o famoso pirarucu, depois compra de artesanato etc.

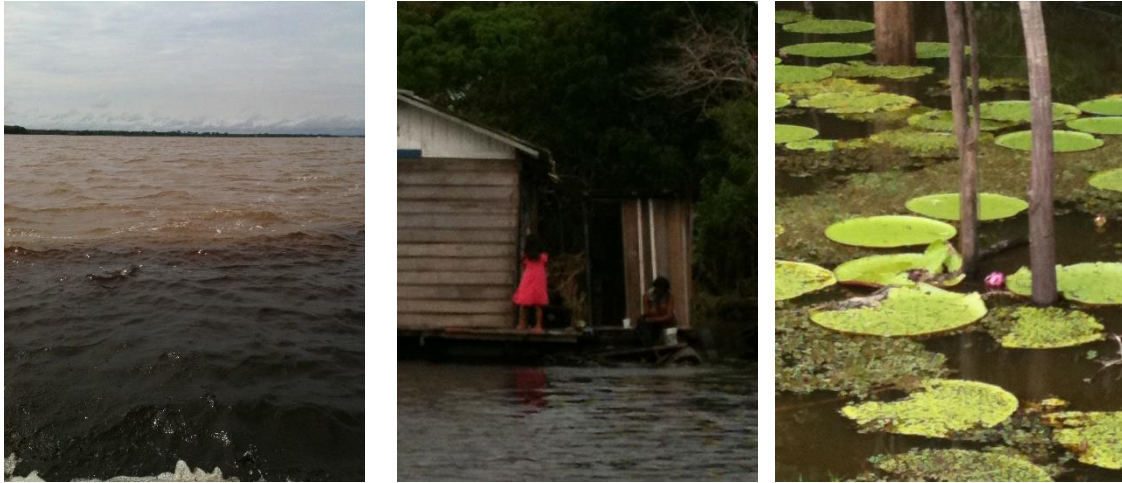


Figura 01-03: Fotografias de Manaus-AM. Arquivo pessoal.

O olhar do turista/estrangeiro fica atento para as coisas que não conhece. O encontro das águas de rios tão distintos, a escola flutuante, a flor das Vitórias Régias².

Ao mostrar essas fotografias para Larrosa, queria conversar com ele sobre os sentidos de seu texto sobre as fotos que selecionei. Para mim, o texto e essas imagens provocam muitas intensidades, dobras, afecções.

Essa conversa tem a ver com esta experiência que Larrosa nos fala em seu texto. A fotografia, o cinema, as animações podem chegar até as pessoas e ir até a escola e não significar nada. Assim como um passeio, pode ser apenas uma diversão ou um momento de receber um conjunto de informações que também não significarão nada. A educação ambiental, também pode ser nada se esse conjunto de coisas que estou falando não tocar, não te fazer parar para olhar, escutar, pensar, sentir. Pode não significar nada se não der atenção, não estiver sensível, não abrir os olhos, ouvidos, nariz e boca. Pode não acontecer nada, se não calar, se não conseguir suspender o juízo, a vontade, se não der tempo e espaço para o acontecimento.

Pensei no meu silêncio no barco e meu desejo de estar só, para poder sentir aquelas águas tão distintas se encontrando, permanecendo em suas distinções até certo ponto para depois se mesclarem. Pensei em como olhei para aqueles que considero diferentes de mim, por raça, cor, local de nascimento, mas também em como somos parecidos, o quanto, em natureza, somos iguais.

Posso dizer que sinto-me como o “sujeito da experiência” definido por Larrosa em seu trabalho:

Esse sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. [...] Em qualquer caso, seja como território de passagem, seja como lugar de chegada ou como espaço do acontecer, o sujeito da experiência se define não por sua atividade, mas por sua passividade, por sua receptividade, por sua disponibilidade, por sua abertura (LARROSA, 2002, p. 24).

Um território de passagem, um lugar, espaço do acontecer... é assim que os sujeitos da experiência se sentem quando são tomados pelo acontecimento, pela experiência.

Também não quero dar a impressão de que para ter experiência é preciso estar em algum lugar fisicamente, que mediado por algum artefato ou produto cultural isso não aconteça.

² As fotografias foram feitas pela autora do texto.

Assim, devo agora, pensar no caso do cinema e como este produto da cultura, esta linguagem poderia trabalhar em prol da experiência.

Segundo Edgar Morin (2001, p. 48) “Literatura, poesia e cinema devem ser considerados, não apenas nem principalmente, objetos de análises gramaticais, sintáticas ou semióticas, mas também escolas de vida, em seus múltiplos sentidos.”

Como escolas de vida, gostaria de pensar a possibilidade de conhecer através da experiência. Certamente, em nossa vida, não poderemos ir para todos os lugares que gostaríamos a fim de experimentar essas vivências. Assim como essa prática também não garantiria que iríamos adquirir o “saber da experiência”.

Segundo Heidegger (1987, p. 143) In Larrosa (2002, p. 25)

[...] fazer uma experiência com algo significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos tomba e nos transforma. Quando falamos em “fazer” uma experiência, isso não significa precisamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, tomar o que nos alcança receptivamente, aceitar, à medida que nos submetemos a algo. Fazer uma experiência quer dizer, portanto, deixar-nos abordar em nós próprios pelo que nos interpela, entrando e submetendo-nos a isso. Podemos ser assim transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou no transcurso do tempo.

Assim, penso que a experiência pode acontecer na escola, ao assistir um filme, desde que estejamos pré-dispostos a aceitar este encontro, ao nos submetermos a este acontecimento, ao deixarmos-nos que algo se apodere de nós. Lembro-me de vários filmes que podem nos sensibilizar. Mas essa sensibilidade não está, necessariamente, no filme. Não é o bom filme ou o filme ruim que irá nos sensibilizar para a experiência. Ou seja, mesmo um filme considerado “comercial”, “popular” o que poderia denotar algo negativo, para quem gosta de classificações, poderia se prestar para a promoção da experiência. Assim como o inverso também é verdadeiro, um filme considerado bom, “arte”, “poético” pode não acontecer, não sensibilizar.

Dessa forma, lembro-me de filmes como *A. I. Inteligência Artificial* (2001), de Steven Spielberg que pode provocar mais o pensamento que um documentário sobre o consumo, a produção de lixo, as catástrofes ambientais provocadas pelo homem, a engenharia genética, robótica etc. Segundo Morin (2001, p. 51),

Literatura, poesia, cinema, psicologia, filosofia deveriam convergir para tornar-se escolas de compreensão. A idéia da compreensão humana constitui, sem dúvida, uma exigência chave para nossos tempos de incompreensão generalizada: vivemos em um mundo de incompreensão entre estranhos, mas também entre membros de uma mesma sociedade, de uma mesma família, entre parceiros de um casal, entre filhos e pais.

Compreender o outro, deixar-se acometer pelo outro, talvez fosse um bom início para o saber da experiência.

Referências

A. I. Inteligência Artificial. Direção: Steven Spielberg. EUA. 2001. Cor. 146 min.

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, jan./fev./mar./abr., 2002.

MORIN, E. A. **Cabeça Bem Feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SCARELI, G.; ANDRADE, E. C. P. Lobos-maus e Chapeuzinhos-Vermelhos em ilustrações para ver e ler. **Revista ETD – Educação Temática Digital. Campinas**, v. 9, n. esp., p. 51-64, out. 2008 – ISSN: 1676-2592.

WUNDER, Alik et al. Imagens que acontecem nos deslocamentos em/de pesquisas. In: **I Simpósio Internacional em “Filosofia da Educação”**. Coletânea de textos do I Simpósio Internacional em “Filosofia da Educação”, Marília, 2006.